



Estação Metropolitana

O azulejo

Nuno Santos Pinheiro*

Importante material introduzido em Portugal no século XIII pelos muçulmanos, o azulejo faz parte de uma expressão artística que criou laços muito fortes entre nós e, ao longo tempo, tem apresentado interessante evolução que naturalmente vem acompanhando a dinâmica cultural de nosso povo.

Como elemento patrimonial de grande valor estético foi ainda muito usado no nível da própria arquitectura monástica e senhorial.

Sua utilização foi sendo, ao longo dos séculos, cada vez maior, e hoje é usado no domínio de toda a arquitectura, em que apresenta grande interesse compositivo e de grande integração. Sua força anímica leva a que ele faça parte da valorização do ambiente urbano não só por meio da arquitectura, mas também de seu uso como elemento de decoração urbana e de interiores públicos e privados.

Seu uso não se conteve no espaço de Portugal continental. Ele se encontra em todo o mundo onde os portugueses estiveram presentes, e disso são por exemplo prova os grandes painéis executados nesse material e que decoram os claustros da igreja da cidade de Salvador, na Bahia, representando parte importante da Baixa da cidade de Lisboa.

O azulejo é por isso motivo de nossa atenção como valor muito representativo da cultura portuguesa que necessita de ser salvaguardado, e muitas vezes recuperado, das anomalias próprias da agressividade dos tempos de exposição às intempéries, mas também às faltas de cuidado do próprio homem.

Azulejo, restauro, árabe

"AZ-ZULLAIJU" parece ser a origem dessa palavra de proveniência hispano-muçulmana.

Naquela cultura, este "AZ-ZULLAIJU" não era mais que uma "placa" de argila cozida, achatada e por vezes vidrada para se tornar impermeável.

Nela se aplicava cor ou se faziam composições decorativas, a fim de dar o acabamento final sobretudo a paredes, mas também a pavimentos.

* Nuno Santos Pinheiro é doutor e licenciado em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Professor Catedrático e Coordenador do Fórum UNESCO Portugal, na Universidade Lusíada, ex-presidente do IPPAR, coordenador do Curso de Especialização em Património Artístico e Arqueológico da mesma universidade.

Porém, esse material de revestimento decorativo teve ao longo dos séculos sua evolução quer nos processos de fabrico, quer na forma, quer nos materiais que o compõem, quer ainda em suas composições decorativas.

Em Portugal, aparecem no século XIII os primeiros revestimentos cerâmicos vidrados que, algumas vezes, são aplicados em pavimento. O Mosteiro de Alcobaça é um exemplo importante desse acabamento e dessa técnica.

Posteriormente, e por importação de Granada, pensamos que já no século XIV, aparecem umas placas monocromáticas – azulejo alicatado – que permitem, pela forma de ser colocadas, obter jogos geométricos de muito interesse.

O Mosteiro de Alcobaça continua a ser um bom exemplo, mas acrescentamos também o exemplo do próprio Palácio de Sintra.

A tecnologia do azulejo evoluiu no entanto de uma forma significativa no século seguinte.

Aparece assim no século XV de uma forma menos artesanal e, portanto, respondendo a uma exigência de maior consumo, de maior uso, o azulejo em placas vidradas que apresenta composições com desenhos geométricos, sendo esse conjunto decorativo (cor e desenho) impresso na placa cerâmica que passa a ter o nome de “chacota”.

Depois de uma primeira cozedura, os pigmentos são colocados e divididos em seus espaços delimitados. Deu-se a essa técnica o nome de “corda seca” ou de “aresta”.

Para o acabamento final, era feita uma cozedura a cerca de 900°C para tornar resistente e coeso o todo da estrutura do azulejo.

Alguns autores admitem que, dessa época, os azulejos tivessem entrado em Portugal vindos de Sevilla ou Marrocos. O Palácio de Sintra continua a ter excelentes exemplos dessa nova forma de executar esse material de revestimento que muito enriquece a decoração da arquitectura.

Numa continuidade de procura de melhores tecnologias, aparece no século XVI uma nova técnica, a de “majólica”.

Agora, dá-se uma primeira cozedura da chacota, sendo a segunda feita com os desenhos e respectivos pigmentos pintados sobre uma camada de óxido de estanho que, com o calor, se torna branco-opaco.

O desenho deixa por isso de estar limitado à chacota, passando a estar unicamente condicionado ao pintor e, portanto, à sua arte.

Ainda nesse século, aumenta o uso do azulejo em Portugal, o que leva naturalmente a um aperfeiçoar das tecnologias. O aparecimento de novos pigmentos que permitem usar cozeduras a temperaturas mais baixas, é um exemplo.

Se no século XIV se deu um maior desenvolvimento das técnicas e da aplicação do azulejo, o novo século faz desenvolver a utilização desse material.

É nesse período que aparece o uso do azulejo nas cores "azul e branco" e é também nesse período que a integração desse material na arquitectura se faz em grande escala.

É o Palácio Fronteira, que iremos ver em breve, um magnífico exemplo da aplicação desse material, nesse período.

Esse grande desenvolvimento do uso do azulejo vai continuar a dar-se no século seguinte, o XVIII, em que se manteve a decoração aparecida anteriormente nas cores azul e branco.

Considero que termina aqui a primeira época do esplendor desse material.

Efectivamente, a Revolução Industrial e suas próprias conseqüências fizeram com que aparecessem tecnologias industrializadas que pudessem conduzir a grandes produções.

A argila passa a ser a matéria-prima por excelência que, adicionada ao pó de quartzo, permitia obter uma chacota mais barata, porque dispensava o óxido de estanho, e, por outro lado, mais resistente devido aos mecanizados processos de fabrico.

A Fábrica Viúva Lamego é um exemplo dessa nova tecnologia de produção que teve o nome de "estampilha".

Como conseqüência de todo esse evoluir do processo tecnológico, o século XIX trouxe uma natural vulgarização de um material que, anteriormente, tinha uso contido, muito dirigido a uma arquitectura nobre, uma arquitectura de conventos, de igrejas.

De qualquer modo, esse material, ao vulgarizar-se seu uso, soube dar à arquitectura, ao ambiente urbano, um cariz muito específico, uma limpeza de fachadas, um reflexo de luminosidade e até a possibilidade de se poder obter maior resguardo das construções, o que levava de imediato a maior tempo de vida dos edifícios. O material revestia, embelezava, dava à arquitectura uma dimensão diversa, mas também a protegia, porque a sua pasta vidrada garantia elevada durabilidade, mas também maior resistência mecânica.

Tecnicamente poderemos acrescentar que as argamassas tradicionais preparadas à base de areias e cal aérea faziam adossar muito bem esse azulejo à "massa" do reboco da parede, o que permitia uma boa elasticidade de todo o conjunto no período da secagem das argamassas.

Essa nova forma de ver e de utilizar o azulejo faz com que ele seja usado por todas as camadas sociais e conseqüentemente seja criado um

leque heterogéneo na estética dos edifícios que muitas vezes produzia uma homogeneidade, um equilíbrio de volumetrias, uma formação de conjunto, que muito veio dar força e dignificar a arquitectura.

O azulejo tornou-se assim um elemento decorativo importante desse século XIX no nível da arquitectura do quarteirão e no nível da arquitectura urbana com grande peso compositivo e estético. Ele soube marcar bem o regionalismo da arquitectura por meio do desenho, da forma de fabricação, do tipo de composição, da estética que estabelecia com as diversas luminosidades que produzia no ambiente urbano.

O uso do azulejo como forma de revestir fachadas, integrando-se na arquitectura e dando-lhe uma força e uma presença próprias, esbate-se no primeiro quartel desse século.

Os vários problemas que com ele nascem, por deficiências de produção e de construção próprias da época, fazem dele um acabamento "incómodo", que foi esquecido.

Alguns exemplos perduram em Lisboa; algumas aplicações em felizes casamentos com a arquitectura existem para bem demonstrar que o mal não reside no material em si, mas sim em sua deficiente produção e simultaneamente deficiente aplicação.

Nesse final de século, o azulejo ganhou mais força pela mão dos artistas que com ele têm executado a organização estética de grandes espaços interiorizados que não colidem com a estética internacionalista que novamente está a marcar os estudos actuais das fachadas dos edifícios.

A História desse material ao longo do tempo dá-lhe de qualquer forma uma grande força na definição de épocas da cultura.

Sua beleza, suas características plásticas, sua presença que muitas vezes se traduz numa imponência, numa dignificação da própria arquitectura, não permitem que esse material seja esquecido, mas sim considerado elemento patrimonial, importante a defender e a salvaguardar.

Considero por esse facto este Congresso Internacional de grande importância,¹ sobretudo por ser na Península Ibérica, onde o uso desse material se fez e faz sentir de uma forma invulgar, porquanto nele se discutem sobretudo os processos, as tecnologias, as formas, os métodos de tentar recuperar interessantes trechos de azulejos, painéis de parede, que com esse material se consegue ilustrar, se consegue dar um acabamento diferenciado, se consegue enriquecer a própria arquitectura, dando-lhe uma vivência específica por via das suas características representativas ou simplesmente decorativas como, ainda, da sua textura diferenciada.

¹ Congresso Internacional de Azulejo, realizado em Sahagun – Espanha, em setembro de 1999.

O azulejo é um material que, desde milénios é usado como elemento integrante da arquitectura e ao longo dos séculos acompanhou sempre o evoluir estético, até aos nossos dias.

Em nenhum outro país da Europa que não Portugal, esse material recebeu um tratamento tão expressivo e original, tão adaptado às condições económicas e culturais, nem tão pouco foi utilizado de maneira não só tão complexa como ainda em territórios para onde era transportado como lastro das naus dos descobrimentos. O azulejo é um elemento constante no mundo lusíada.

Esse azulejo apresenta no entanto patologias e anomalias, e por isso se tornam de grande importância seus estudos, de modo a podermos cobrir deficiências que aparecem por razões muito diferentes, uma vez que esse material é, como já foi referido, um material de acabamento, um material de sacrifício que se liga intimamente ao suporte da construção.

Por assim ser, as patologias e as anomalias que se verificam nesses revestimentos em azulejo são na grande maioria dos casos provocadas pelo estado de conservação do suporte a que ele se integra.

Sabemos que, com a idade dos edifícios, o nível freático vai subindo por razão dos próprios campos eléctricos que se formam, o que provoca problemas com a humidade ascensional na área da construção.

Por essa razão, se torna imprescindível uma permanente atenção, porquanto a água é a grande causa da degradação dos edifícios e conseqüentemente dos revestimentos, sobretudo se eles forem de azulejo, porque cria situações muito difíceis de ver e depois de solucionar pelo tardoz do material ou seja, pela face de ligação ao reboco do suporte. Desde a ausência de adesão à criação de sais, à formação de líquenes e até ao aparecimento de pequenas herbáceas, tudo pode acontecer que leve ao derrube em primeiro lugar do revestimento e por último do próprio suporte.

Cada vez mais se defende a conservação e o restauro dos azulejos no local em que estão inseridos, mas no entanto casos há em que se torna imprescindível sua remoção para atelier a fim de serem recuperados de anomalias quasi sempre provocadas pelas maneiras ou processos como eles foram fabricados.

Considero que na realidade só em último caso essa técnica deverá ser seguida, porque, na grande maioria dos casos, o retirar o material do suporte leva naturalmente a muitas fracturas do esmalte ou mesmo da própria chacota, o que é altamente prejudicial quer para o azulejo em si, quer para o painel em que ele se insere.

Poderemos dizer que as principais anomalias são conseqüência do próprio material – defeitos de fabricação, o que inclui sobretudo a

deficiente cozedura, defeitos de más amassaduras de barros, defeitos de má qualidade de barro –, mas, sobremaneira, do suporte em que ele está inserido – assentamentos diferenciais das estruturas, alteração das cargas, acção da humidade.

É evidente que a ordem apresentada é crescente em relação à realidade da gravidade patológica.

A acção da água é realmente a patologia mais vulgar e a mais grave que leva sobretudo a degradações mais imediatas.

A alteração da estática do suporte é efectivamente muito grave, traduz-se muitas vezes num colapso do revestimento, mas essa situação será menos vulgar que aconteça.

Pelos motivos expostos, o azulejo degrada-se:

– pelo desaparecimento de vidro que surge pela presença de sais que vão reagir com a parte vidrada do azulejo, que desaparece por motivos de pressão causada pela presença de líquenes ou herbáceas, pela presença de água alternadamente em estado líquido e sólido, que leva a diferenças de pressão no material, frágil por sua estrutura, mas também pelo tempo de exposição às diferenças climatéricas.

O homem também não pode ser esquecido, porque apresenta grandes percentagens de responsabilidades perante um vandalismo do qual só ele é capaz pela inconsciência das atitudes que toma.

– pela falta de adesão ao suporte razões várias podem levar a essa situação. Ou se trata de um mau assentamento que não criou um leito homogéneo ao azulejo, ou a argamassa não apresentava as qualidades mínimas para que se mantivesse uma perfeita coesão de materiais, ou a água, o eterno inimigo da construção e conseqüentemente desses assentamentos, provocou a formação de sais sólidos, ou então a própria água ao passar ao estado sólido levou, num processo contínuo, a que esse desprendimento acontecesse.

A formação sobretudo de herbáceas é também razão para que se dê um processo mecânico semelhante aos já descritos, mas esse está intimamente ligado com a abertura das juntas entre azulejos, cuja argamassa de betume desprendeu-se por razões próprias do tempo e das movimentações estruturais.

O homem entra também, como sempre, nesse capítulo da destruição ou porque gosta de ver caírem azulejos e por isso acelera o mecanismo de desprendimento, ou por outro lado faz “colecção” e leva-os para casa para serem usados debaixo de um vaso de flores ou de uma cafeteira de água quente...



Igreja Carmo – Porto, 1910

– pela difusão de tintas e grafites, fissuração e quebra serão anomalias que podem aparecer no azulejo por motivos já expostos salvo algumas considerações que deverei ressaltar e que se referem particularmente a restauros mal executados com utilização, por exemplo, de argamassas com ligantes hidráulicos, com “presas” muito rápidas, obrigando a uma deformação diferenciada da chacota; ou com efeitos químicos pouco desejáveis, com a formação de aluminatos ou sulfatos que levam à destruição dos vidrados, da própria estrutura do azulejo, partindo-o, ou mesmo, desligando-o do suporte.

Princípios fundamentais da intervenção na conservação e restauro

A Carta de Veneza é explícita quanto às formas de intervir no restauro, mas não será demais lembrar que:

- deverá haver uma autenticidade histórica, estética e tecnológica;
- há exigências quanto à durabilidade que leva à utilização de materiais que ponham em risco esse aspecto;
- há exigências de compatibilidade que levam a pensar na reversibilidade que deve existir perante o uso de novos materiais e de novas tecnologias;
- há aspectos económicos que poderão pôr em causa ou adiar a resolução de problemas existentes, comprometendo a salvaguarda do património.

Esses princípios, que são uma transcrição do escrito na Carta de Veneza, não são fáceis de pôr em prática, sem que haja ou que deva existir uma discussão atenta e pluri-disciplinar que ponha em foco as várias vertentes de soluções que terão de ser encontradas para cada caso e não para uma generalidade de situações.

Há poucos anos o restauro de painéis de azulejo passava pela substituição daqueles que se consideravam irrecuperáveis por outros que eram procedentes de limpezas ou beneficiações no local. Esse método considerou-se eficaz porque existiam oficinas com mão-de-obra controlada que, conhecedoras de tecnologias antigas, fabricavam os azulejos com a qualidade suficiente atendendo à sua reintegração nos espaços em falta.

Hoje, a situação evoluiu e não se encontram condições idênticas às anteriores não por razões de qualidade, mas fundamentalmente por razões de economia de trabalho. Nesses termos criou-se uma lacuna nesse processo de trabalho que eu próprio tentei suprimir ao organizar, quando presidente do Instituto do Património Português, os Centros de restauro de Tábua e de Viseu, para esse material.

Outra filosofia de intervenção, que considero mais autêntica, mais real, mas mais desagradável à vista, será preencher os espaços vazios com uma argamassa inerte ou com um eposy.

Se existirem muitas falhas no painel, seu aspecto é desolador e pouco agradável para um leigo.

Por fim é de considerar que o Museu do Azulejo Português, a entidade mais esclarecida em termos de investigação e de restauro de azulejaria, entende que deverá haver uma reintegração, ou seja, um preenchimento das falhas com novas peças que permitam a leitura dos painéis, fazendo-os recuperar, dessa forma, a expressão da composição original atendendo a uma perfeita coerência histórica. No entanto essa solução permite que uma observação mais atenta dê a conhecer que se trata de uma intervenção de restauro.

Parece-me esta forma de trabalhar, de recuperar as anomalias desse material, integrada dentro dos pressupostos que atrás referimos.

Entendo no entanto que será sempre a coerência e o bom senso a ditar qual das duas soluções apontadas será aquela que melhor se enquadra no restauro específico que temos para executar ou se serão ambas em simultâneo.

Porém, é evidente que quando se tornar imprescindível proceder ao restauro de um painel de azulejo sem que ele esteja ligado a seu suporte, torna-se indispensável:

- fazer registo fotográfico completo do painel;
- fazer sua etiquetagem, colocando cotas de referência no sistema alfa-numérico e determinando sempre a posição relativa de cada peça no conjunto por meio de etiqueta a ela colada. O referencial deverá ser "letras" em ordenadas e "numeração" em abcissas.

Tecnologias de intervenção

Recuperação e restauro no local. Esse procedimento necessita das seguintes intervenções:

- limpeza da superfície, feita com um pano macio e, de preferência, com solução de amoníaco a 10%;
- lavagem posterior com água ionizada escorrente, de modo a dessalinizar o painel;
- remoção de líquenes e herbáceas e elementos orgânicos por meio de biocidas com cloreto de tributil ou de estanho, carbonato de cobre ou de zinco. Poderão ser também usados os fenóis como ainda o pentaclorofenol a 5%. A injeção desses produtos permite a redução de volume de suas raízes, que nunca deverão ser retiradas pela força para não destruir a aderência das argamassas;

- consolidações pontuais com a impregnação de silicones, silicatos de etilo, polímeros acrílicos como o Plexigum e o paraloid numa solução no máximo a 10%, que permitam uma nova coesão do azulejo ao reboco;

- quando existirem azulejos soltos, limpeza de seu tardo; deverá ser limpo, retirada da argamassa antiga molhando o azulejo de modo a ajudar sua expulsão ou se necessário utilizando o bisturi. Prepara-se a "cama" para a reposição do azulejo com nova argamassa de cal aérea apagada, que deverá ter um traço de meio ou de um terço na relação ligante/inerte;

- colagens do vidrado à chacota, o que deverá ser feito à custa de produtos como o Paraloid B72 a 5% com diluição em acetona ou com o PB72 a 30%;

- preenchimento das falhas de material, o que deverá ser feito à custa de gesso ou barro sintético, os quais deverão ser posteriormente pintados com tinta acrílica sobre um filme de PB72 a 5%, que deverá ser posteriormente protegido com um verniz.

Tratamento e restauro em oficina

Começamos naturalmente por um trabalho extremamente complexo de retirar (levantar) os azulejos de seu suporte.

Já referimos que esse procedimento acontece quando o suporte necessita de uma intervenção de consolidação, quando se torna necessário limpar a estrutura portante de humidades ascensionais ou ainda quando for necessário executar a demolição do edifício.

De qualquer modo, esse processo de desmonte no qual se utiliza a espátula para desligar o material de seu suporte é penoso, porque há sempre uma quebra de azulejos que, por vezes chega aos 20%.

Normalmente, se há grande degradação do suporte, o azulejo está desligado dele, o que facilita a intervenção. O mesmo acontece quando temos o suporte encharcado em água, de onde o azulejo sai por ventura com mais facilidade.

Será também evidente que a dificuldade de desligar o azulejo do suporte é diferente conforme o tipo de parede onde está assente, mas também o tipo de argamassa que foi utilizada.

Deveremos por outro lado limpar as juntas para não só facilitar a saída do azulejo como ainda fazer com que essa argamassa não faça descascar seu vidrado.

Se possível, deverá retirar-se o azulejo juntamente com a argamassa de assentamento porque se torna mais fácil proceder ao desmonte dessa argamassa em oficina.

Todo esse material depois de desmontado deverá ser transportado para a oficina utilizando-se para isso caixotes onde possam caber cerca de 20 azulejos ou, de preferência, uma fiada. Tudo dependerá naturalmente da forma como eles puderam sair do suporte.

Gostaria por último de referir que na recuperação do azulejo acontece haver a necessidade de remover matérias orgânicas, inorgânicas, grafites, que causam distúrbios na delicada película de vidro.

Usam-se muitas vezes para esse fim, procedimentos semelhantes aos utilizados na limpeza da pedra e que são:

- emplastros EDTA a 10%;
- emplastros de citrato de sódio a 15%;
- calgon a 10% durante meia hora (remove gessos sobre calcário);
- amônia diluída entre 5 e 29% (para retirar gorduras);
- cloreto de metileno em emplastros como solvente orgânico;
- xileno e etano para limpeza de grafites;
- pasta AB 57 (1000cm³ CH₂ + 30g. de bicarbonato de amônio + 50g de bicarbonato de sódio + 25g de EDTA + 10g. de desogen a 10% + 60g de carboximetilcelulose – faz a remoção de incrustações insolúveis).

Deverá ser usado em aplicações durante vários dias num emplastro embebido contra a superfície do azulejo e coberto com uma película para evitar secagem.

O azulejo continua, hoje, a ser um elemento não só puramente de revestimento, mas sobremaneira ligado a um valor de grande beleza estética produzido por artistas, pintores e escultores.

Será naturalmente a tradução de uma expressão artística que vive por si mesmo, mas que também empresta um especial valor à arquitectura.

Será evidentemente um elemento de grande nobreza que nasceu há milénios e que se adapta permanentemente a todas as fases da estética dos anos vindouros.

A sua História dá-lhe evidentemente condições únicas para que se considere em permanência um património importante da cultura de um povo.

Que saibamos melhorar os conhecimentos para que se possa fazer de forma cada vez mais acertada sua recuperação e seu restauro.

No entanto, seria da maior importância sabermos melhor resguardá-lo do vandalismo do homem e das patologias a que ele continua sujeito.

“O passado não está atrás de nós, ele está dentro de nós próprios”
(provérbio árabe)